



Estereótipos na ficção cinematográfica: A representação da cientista no filme Contato¹.

Autor: Robyson A. da Silva²

Orientadora: Prof^a. Ms. Joliane Olschowsky da Cruz

Universidade Estadual de Santa Cruz

Resumo

Este artigo busca estabelecer um estudo comparativo acerca do estereótipo da mulher cientista presente no filme “Contato”, juxtapondo a imagem real de cientista vislumbrada em pessoas reais. O cinema, amparado pelos meios de comunicação, é uma área importante para que se estabeleçam discussões sobre gênero. A relação cinema/gênero encaminha a busca para uma nova produção de sentido e questionamentos do senso comum em relação às atribuições femininas e masculinas na sociedade. O presente artigo visa uma alternativa a este discurso, que faz da mulher cientista um estereótipo social, pretende-se estabelecer uma visão crítica da forma como a mulher é tratada na sociedade patriarcal.

Palavras-Chave: Mulher-Cientista; Cinema; Gênero; “Contato”.

Mulher e ciência

Desde as primeiras experimentações, invenções e estudos acerca dos fenômenos, no surgimento da ciência moderna, a ciência sempre foi vista como uma atividade realizada por homens. Durante os séculos XV, XVI e XVII, período marcado por inúmeras mudanças e eventos na sociedade que possibilitaram o surgimento da ciência como conhecemos hoje, as poucas mulheres que estavam integradas neste meio eram aristocráticas, que tinham por função serem interlocutores e tutoras de renomados filósofos naturais e dos primeiros experimentalistas.

Soihet (1997) assinala que as pesquisas em relação à história das mulheres na ciência implicam na negação do sujeito universal da história, que exclui as mulheres, apontando para a parcialidade da história e dos próprios historiadores. Para Citeli (2000), a negação da participação feminina nas ciências "tem sido historicamente

¹ Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação

² Graduando do curso Comunicação Social - Rádio e Tv pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC. Bolsista da FAPESB em Projeto de Iniciação Científica. E-mail: robysonvilaronga@gmail.com



constitutiva de uma peculiar definição de ciência – como indiscutivelmente objetiva, universal, impessoal e masculina", o que, segundo a autora, serve para diferenciar "masculino de feminino, ciência de não ciência e, até mesmo, boa ciência de má ciência" (Citeli, 2000, p. 68), cabendo à mulher os conhecimentos não científicos ou a má ciência.

A partir das diversas etapas da revolução feminina no século XX, a necessidade crescente de recursos humanos para atividades estratégicas, como a ciência, o movimento de libertação da mulher e a luta pela igualdade de direitos entre os sexos permitiram que as mulheres tivessem acesso à educação científica e às carreiras tradicionalmente ocupadas por homens.

A ciência, que se norteia pela neutralidade, acaba sendo regida quase que exclusivamente por homens. Assim, as imagens que retratem e descrevam o universo científico, arroladas nesse trabalho, contribuem para extrair o significado da imagem feminina na Ciência.

Os estudos de gênero na área das ciências humanas fazem análises sobre as relações sociais entre os sexos. Esses estudos procuram obter conclusões sobre as questões que motivaram a opressão da mulher por muitos séculos; também avaliam o impacto das mudanças socioeconômicas ocorridas após o movimento feminista. A mulher passa a ter maior destaque nas linhas produtivas. A ciência, inserida no sistema de trabalho capitalista, também acaba por necessitar da mão de obra feminina, conseqüentemente o papel das mulheres no meio científico se modifica.

O cinema como forma de influência

O impacto causado pela criação e difusão do cinema e outros meios de comunicação de massa na sociedade do século XX deve ser considerado.

Como objeto industrial, essencialmente, reprodutível e destinado às massas, o cinema revolucionou o sistema da arte, da produção à difusão. Dentre as mudanças ocorridas na sociedade nas primeiras décadas deste século, o historiador inglês Eric Hobsbawm inclui o surgimento das artes de massa em detrimento das artes de elite, e destaca o cinema, que iria influir decisivamente na "maneira como as pessoas percebem e estruturam o mundo".



O cinema ficcional expressa de forma tangível nossos desejos e sonhos, nossos pesadelos e terrores. Tornam concretos, visíveis e audíveis, os frutos da imaginação. Os filmes de ficção científica expressam aquilo que desejamos, ou tememos que a realidade seja ou possa vir a ser. Estes filmes transmitem verdades, cujas idéias e pontos de vista podemos adotar como nosso ou rejeitar. Oferecem-nos mundos a serem explorados e contemplados; ou podemos simplesmente nos satisfazer com o prazer de passar do mundo que nos cerca para esses outros mundos de possibilidades infinitas.

A análise da política de representação de personagens femininas nos filmes de ficção, tem sido uma preocupação central de muitas críticas feministas. De fato, foi graças a estas críticas que o papel da mulher na história do cinema começou a ser abordado. Foi detectada a ausência de papéis femininos fortes que saíssem da visão patriarcal tradicional.

A reflexão da forma com que o cinema retrata a mulher cientista, remete a compreensão de conceitos estereotipados sobre esse gênero.

O cinema é uma área importante para que se estabeleçam discussões sobre gênero, o discurso cinematográfico pode se constituir em um campo no qual se inserem alternativas à cultura sexista. A relação cinema/gênero encaminha a busca para uma nova produção de sentido e questionamentos do senso comum em relação às atribuições masculinas e femininas na sociedade.

Contato

Contato é um filme do diretor Robert Zemeckis, produzido no ano de 1997 nos Estados Unidos e pertence ao gênero de ficção científica. A história é baseada no livro “Contato” escrito por Carl Sagan e publicado em 1985. O enredo do filme é baseado em pesquisas científicas sobre vida extraterrestre inteligente.

O início do filme mostra a casa de Eleanor Arroway (Ellie) quando criança. Percebemos que é uma casa segura, silenciosa e limpa. Porém não era uma casa completa, pois não havia uma mãe. O filme transmite a idéia de que a casa está incompleta, pois falta à figura feminina, a mãe. O conceito de família completa pai, mãe e filho, foi desenvolvido pela sociedade tradicional patriarcal. Pela ausência deste personagem que se espera encontrar em todas as famílias, a casa aparentava uma sensação de vazio.

Como a figura do pai era o único referencial adulto no filme, este é muito influente na vida da filha, apresentado como o ser mais velho e experiente, que a ensina acerca dos fenômenos do espaço e sobre a comunicação através do rádio, ele é o responsável pelos primeiros passos do desenvolvimento ético e moral de Eleanor. O filme guia o olhar e a interpretação do telespectador para a consideração de que para uma garota escolher estudar física e alcançar sucesso profissional na profissão, ela deve ter um pai físico. No filme, os fatos ocorridos no passado retomam insistentemente à memória de Eleanor, e as figuras que mais aparecem são: pai e a sua casa.

Na cena em que ela volta ao passado e relembra o momento do velório do pai, percebemos de forma mais clara o vazio na casa de Eleanor, que mesmo estando cheia de gente ao seu lado ela parece ser uma figura invisível, ela anda facilmente até as escadas e não é interrompida por ninguém. Ao chegar ao seu quarto ela aciona o rádio e tenta de forma desesperada entrar em contato com o seu pai. Percebemos que o sentimento da filha para com o pai, tornou-se o elemento básico determinante da ação dramática da obra, pois Eleanor não consegue aceitar o fato de o pai ter morrido dentro de casa e tão próximo dela.

A necessidade da garota em entrar em contato com o além das dimensões, do espaço e do tempo conhecidos se transformam em profissão. Nesse momento do filme a menina se transforma numa mulher adulta especializada em radioastronomia.

Em outra cena em que Eleanor volta ao passado vemos a garota correndo em busca do remédio que salvaria a vida do pai, ela sobe correndo pelas escadas, a imagem em câmera lenta quando ela chega ao corredor dá a impressão que este não tem fim, sua velocidade na corrida parece pequena e sem efeito sobre a situação.

O fato de não conseguir vencer o corredor e chegar a tempo de salvar a vida do pai, impulsiona Eleanor a estudar e a dedicar todo o seu tempo à radioastronomia de ponta, para que, a partir destes estudos, ela possa encontrar uma maneira de romper a barreira do espaço-tempo.

Para Eleanor vencer as limitações de espaço-tempo é uma questão de vida ou morte. Assim, se Eleanor conseguir estabelecer contato com regiões distantes, vencer o universo, e viajar por ele, ela conseguiria encontrar o seu pai (figura com maior importância na vida dela). Eleanor estava a um segundo de chegar ao pai e esse “tempo” é tão grande e relativo, assim como o espaço que tinha que percorrer até chegar a ele – não que este ato fosse mudar alguma coisa, ele teria morrido de qualquer jeito e ela tem



total consciência disso, porém, esse lapso, tornou-se uma obstinação para ela: mostrar que de fato o tempo não existe! Pelo menos da maneira determinista como o encaramos.

Mais uma vez têm-se uma representação de cientista, descontrolada e obstinada, que não se importava com a sua própria sobrevivência se fosse para provar alguma verdade científica. O filme relaciona a personagem com um mito do heroísmo em ciência, compara a pessoa que faz ciência com a imagem arquetípica de herói.

O argumento mais significativo para Eleanor acreditar que existe vida no espaço é a própria dimensão do universo. Em uma das cenas iniciais o seu pai lhe fala: “Se só nós existíssemos seria um tremendo desperdício de espaço”. Essa mesma frase é repetida por Palmer Joss (ex-seminarista que se envolverá com Eleanor) antes dos dois se beijarem pela primeira vez. O beijo entre eles representa a união entre o “ceticismo” e a “religião”.

Percebemos no filme a dialética que existe entre dois grupos de personagens, onde se destacam um que representa os indivíduos bons e o outro os indivíduos maus. A ciência não está imune a esses tipos de indivíduos. Desta forma, a partir das escolhas individuais de cada um classificamos como a cientista boa a personagem Eleanor, que se contrapõe em boa parte do filme ao cientista mau, David Drumlin. Opositor das pesquisas que buscam vida extraterrestre inteligente é ele que está por trás do cancelamento e do corte do financiamento dos projetos desenvolvidos por Eleanor.

Quando a equipe de Eleanor descobre os sinais de vida extraterrestre, o cientista oportunista (David) assume a liderança da pesquisa, mesmo sabendo que a cientista está totalmente capacitada para liderar a equipe.

O método científico cartesiano da ciência moderna, não considera características tidas como femininas como a "subjatividade, cooperação, sentimento e empatia" (Schiebinger, 2001). Segundo Schiebinger, julga-se que estas características deixam a pesquisa "menos científica". Eleanor encontra-se bem mais próxima de uma perspectiva ao estilo de Bachelard (1978) – o critério fundamental é a busca da verdade, o próprio conhecimento objetivo, em que pese estar enredado em uma concepção de ciência – diferentemente do David, que só demonstra interesse ao saber que o fato estudado está sendo muito repercutido mundialmente.

A construção da imagem de cientista boa ganha muito com a própria imagem construída pela mídia sobre a atriz Jodie Foster. O diretor afirma que Jodie Foster foi a primeira e única escolha para o papel, ela representaria melhor uma figura honesta, inteligente e humilde, de um comportamento ético e moral inquestionável (o estereótipo



de mulher boazinha), uma imagem de que a cientistas seriam quase um ser de outro mundo, incorruptível, impassível, íntegro e imune, características estas que estão presentes nos demais seres humanos.

A ciência e a religião no filme fazem parte de um mundo ético e moralmente desorientado.

A relação amorosa entre Joss e Eleanor representa o encontro entre ciência e espiritualidade. Nos encontros do casal aparece um símbolo de orientação, a bússola da moral e da ética. Uma bússola é trocada entre o casal nas várias cenas em que a verdade e a sinceridade entre eles é ameaçada.

Em contraponto aparece a posição de Eleanor e Drumlim, que não colocam a ciência como símbolo ou lugar da integridade ética e moral dos humanos. A verdade é apresentada no filme mais como uma questão ética e moral e não epistemológica. Neste sentido a própria ciência precisa de uma bússola. O filme passa a sua orientação no contato entre Eleanor com os seres extraterrestres.

Podemos observar neste filme a maneira como a mídia apresenta os fatos, um verdadeiro caos, mediando à distância entre os fatos e os indivíduos. As imagens são sempre construções a partir do ponto de vista de quem as produzem.

A seqüência importante a ser analisada é a que se refere à resolução da mensagem em que o projeto de uma nave, que poderia ser capaz de realizar o maior desejo da Eleanor a tão esperada comunicação com os seres que não habitam a terra não foi alcançado por ela, e sim por um homem. Nesta seqüência percebemos de forma clara uma crítica no sentido de mostrar como na ciência quem faz realmente as descobertas não é quem leva a fama, e sim aquele que consegue “chefiar”.

Por fim temos as seqüências da viagem, do julgamento e da cientista pensando sobre o seu futuro. No fim existe a dúvida se a Eleanor fez ou não uma viagem no espaço-tempo. No filme a viagem com ela conversando com o pai aparece, mas os computadores da sala de comando não registram essa viagem, a doutora jura que isso aconteceu. Em decorrência dos fatos ela vai a julgamento, neste julgamento a vemos ser bombardeada por um júri, (fato que até pode nos remeter a Santa Inquisição na Idade Média, que caçava e queimava mulheres e homens, que dominavam conhecimentos de qualquer área das Ciências e representavam algum tipo de ameaça ao poder da classe dominante) que não acredita nela e que deseja que ela assuma a sua posição de despreparada. No fim do filme ela sai do julgamento absolvida, acompanhada do por Joss, com o rosto muito abatido. Ao entrar no carro para ir embora do local um



jornalista pergunta ao Joss o que ele acha disso tudo, ele responde que acredita no que a Eleanor fala, a partir disso o casal demonstra felicidade com o resultado do processo.

Considerações Finais

No filme contato a personagem Eleanor ocupa o centro da arena narrativa, podemos ver que o texto e suas conseqüentes identificações são afetadas pela representação da personagem. Segundo Laura Mulvey (2005) os filmes de ficção em geral retratam a mulher protagonista como incapaz de alcançar uma identidade sexual estável, dilacerada entre a passividade feminina e o demônio da masculinidade regressiva.

Afirmando o cinema como uma área de intervenção da ideologia sexista, a imagem da mulher apresentada principalmente nos filmes de ficção científica é uma imagem estereotipada e na maioria das vezes inacessível para as mulheres em geral, pode-se afirmar que o cinema clássico hollywoodiano impõe uma imagem idealizada da mulher. Essa imagem estereotipada é a mesma divulgada pela mídia em geral (revistas, publicidade, televisão e principalmente o cinema). Este estereótipo imposto pelo cinema norte americano encontra-se distante do biótipo de mulheres como as mulheres cientistas brasileiras.

Muitas vezes os filmes de ficção científica anulam a mulher como sujeito e recalcam seu papel social nesse tipo de linguagem cinematográfica. Existe um discurso narrativo em forma de recalçamento pelo sexo, a favor de uma economia capitalista, patriarcal, dominada pela psicanálise que ao mesmo tempo que procura justificar a repressão social da mulher, projeta a imagem da mulher ideal a favor da acumulação do capital.

Observação.

No momento da apresentação do artigo no evento serão expostas imagens da película e também trechos de maior relevância para este trabalho.



Referências Bibliográficas

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. 2ª Ed. Campinas, Papyrus, 1995 (Coleção Ofício de Arte e Forma).

Bachelard, G. – **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Coleção Os Pensadores).

BARROSO, Carmem. **Mulher, Sociedade e Estado no Brasil**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.

_____. **A Participação da Mulher no desenvolvimento Científico Brasileiro**. Ciência e Cultura, vol.27, Junho 1975.

BERMAN, Ruth. **Do dualismo de Aristóteles à Dialética Materialista: a transformação feminista da ciência e da sociedade**. In: JAGGAR, Alison M. e BORDO, Susan R. (orgs.) Gênero, Corpo, Conhecimento. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997.

BELTRÃO, Helena. **Cientistas recomendam estudo mundial sobre participação Feminina na Ciência**. In: Agência CT, Ministério da Ciência e Tecnologia. - Disponível no endereço <http://www.mct.gov.br>, Site visitado em 25/05/2005

BOSI, Alfredo. **Fenomenologia do Olhar**. In: NOAVES, ADAUTO. O Olhar. São Paulo, Companhia das Letras, 2000. P. 65- 87.

CITELI, Maria Teresa. **Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudos**. Cadernos Pagu (15), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2000.

FRANCASTEL, Pierre. – **Imagem, Visão e Imaginação**. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1987.

GUBERNIKOFF, Gisele. **Imagem e Sedução**. 66f. Tese de livre-docência em Criação, Arte e Produção, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

_____. **Perfil de Mulher, O processo de emancipação feminina na sociedade urbana brasileira**. 200 f. Tese de doutorado ECAUSP, São Paulo, 1992.

KOIRÉ, Alexandre. **Estudos de História do Pensamento Científico**. Ed. Universidade de Brasília, 1973.

LETA, Jackeline. **As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso**. In: Estudos Avançados. Mulher, mulheres – IEA-USP. vol. 17 – nº. 49 – 09/10 2003., São Paulo.

SCHIENBINGER, Londa. **O Feminismo mudou a Ciência?** EDUSC, Bauru, SP, 2001.

SOUZA, Ângela M. F. de L. e. **A construção da identidade da mulher cientista**. In:

FAGUNDES, Tereza C. P. C. (org.) **Ensaio sobre identidade e gênero**. Salvador, Helvécia, 2003.

TABAK, Fanny. **O laboratório de Pandora: Estudos sobre a ciência no feminino**. Rio de Janeiro, Garamond, 2002.



TOSI, L. **Caça às Bruxas, O Saber das Mulheres como Obra do Diabo**. Ciência Hoje, vol.4 n 20. Set./Out. de 1985.

VELHO, L e PROCHAZKA, M. **No que o mundo da ciência difere dos outros mundos?** in ComCiência, SBPC Nº. 50 - Dez/Jan 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br> Site visitado 07/05/2004

RAMOS, Fernão P. **Teoria contemporânea do cinema**. Volume 1. São Paulo, Editora Senac, 2005

____Currie, Gregory. **Ficções Visuais**. p, 171.

____Allen, Richard. **Olhando imagens cinematográficas**. p, 189.

____Parente, André. **Deleuze e as virtualidades da narrativa cinematográfica**. p, 253

____Mulvey, Laura. **Reflexões sobre “Prazer visual e cinema narrativo” inspiradas por Duelo ao sol, de King Vidor (1946)**.

RAMOS, Fernão P. **Teoria contemporânea do cinema**. Volume II. São Paulo, Editora Senac, 2005.

____Carroll, Noël. **Ficção, não ficção e o cinema da asserção pressuposta: uma análise conceitual**. P. 69.